A subversão da autoridade através do humor em *Graças e Desgraças da Corte de El-Rei Tadinho*, de Alice Vieira

The subversion of authority through humor in Graças e Desgraças da Corte de El-Rei Tadinho, by Alice Vieira

10.29073/naus.v9i1.1183

Recebido: 14 de maio de 2026.
Aprovado: 2 de junho de 2026.
Publicado: 6 de junho de 2026.

Autor/a: Jorge Pereira, Universidade da Madeira, Portugal, 2062720@student.uma.pt.

Resumo

O presente artigo examina a relevância da obra de Alice Vieira no panorama da literatura infantojuvenil de expressão portuguesa, evidenciando o seu contributo para a superação de perspetivas redutoras associadas a este domínio. A análise centra-se na obra *Graças e Desgraças da Corte de El-Rei Tadinho* de Alice Vieira, privilegiando o estudo do humor enquanto elemento estruturante da narrativa e mecanismo de crítica implícita. Demonstra-se que o humor, longe de assumir uma função meramente lúdica, opera como dispositivo de construção de sentido, permitindo a problematização de estruturas de poder, convenções sociais e formas cristalizadas de representação. Através da ironia, do absurdo e da inversão de expectativas, a autora desconstrói modelos tradicionais de autoridade, expondo a fragilidade e a ineficácia das instituições. Paralelamente, evidencia-se a importância da linguagem na construção estética da obra, marcada pela articulação entre oralidade e rigor discursivo, bem como pela reconfiguração de códigos da tradição narrativa, nomeadamente do conto de fadas. Esta combinação possibilita diferentes níveis de leitura e promove a participação ativa do leitor. Reflete-se sobre como escrita de Alice Vieira afirma a literatura infantojuvenil como espaço legítimo de criação estética e reflexão crítica, contribuindo para a formação de leitores autónomos e interpretativamente exigentes.

Palavras-Chave: Alice Vieira; Crítica Social; Humor; Literatura Infantojuvenil; Narrativa.

Abstract

This article examines the relevance of Alice Vieira's work within Portuguese-language children's and young adult literature, highlighting its contribution to overcoming reductive perspectives traditionally associated with this field. The analysis focuses on Graças e Desgraças da Corte de El-Rei Tadinho, emphasizing humour as a structuring element of the narrative and a mechanism of implicit critique. It is argued that humour, far from serving a merely entertaining function, operates as a device for meaning-making, enabling the problematization of power structures, social conventions, and established modes of representation. Through irony, absurdity, and the inversion of expectations, the author deconstructs traditional models of authority, exposing the fragility and inefficiency of institutional systems. Furthermore, the study underscores the role of language in the aesthetic construction of the work, characterized by the interplay between orality and discursive precision, as well as by the reconfiguration of narrative traditions, particularly the fairy tale. This combination allows for multiple levels of interpretation and encourages active reader engagement. The article concludes that Alice Vieira's writing affirms children's and young adult literature as a legitimate space for aesthetic creation and critical reflection, contributing to the development of autonomous and interpretatively engaged readers.

Keywords: Alice Vieira; Children's Literature; Humour; Narrative; Social Critique.

Considerações Iniciais

No quadro contemporâneo da literatura de expressão portuguesa, a literatura infantojuvenil tem vindo a afirmar-se como um domínio de crescente reconhecimento crítico, ultrapassando progressivamente a visão redutora que a circunscrevia a uma função meramente pedagógica ou recreativa. Com efeito, poderá ainda sustentar-se que este tipo de produção se limita a um registo simplificado, dirigido a um público incapaz de apreender a complexidade estética e temática do texto literário? Ou, pelo contrário, não será precisamente neste campo que se têm desenvolvido algumas das mais interessantes estratégias de renovação narrativa, capazes de articular acessibilidade e profundidade crítica?

É neste contexto que importa situar o papel do humor enquanto recurso essencial, cuja relevância ultrapassa largamente a dimensão do entretenimento. De que modo pode o humor contribuir para a construção de sentido num texto dirigido a leitores em formação? Em que medida a ironia, o absurdo ou a inversão de expectativas permitem não apenas captar a atenção do leitor, mas também promover uma leitura ativa e interpretativa? Longe de constituir um elemento acessório, o humor revela-se, como um dispositivo complexo, capaz de mediar a relação entre o texto e o mundo, favorecendo a problematização de questões sociais, éticas e culturais.

Neste enquadramento, a obra de Alice Vieira assume particular destaque, não só pela consistência do seu percurso literário, mas também pela forma como integra o humor numa lógica de construção narrativa exigente. É, por isso relevante considerar em que medida os seus textos contribuem para a desconstrução de modelos tradicionais da literatura infantojuvenil? E de que forma o recurso ao humor permite questionar hierarquias, convenções sociais e formas cristalizadas de representação? Em obras como *Graças e Desgraças da Corte de El-Rei Tadinho*, a autora articula uma dimensão lúdica com uma clara intencionalidade crítica, produzindo um efeito de leitura que oscila entre o reconhecimento e o distanciamento.

Desta maneira, o presente artigo propõe-se examinar a relevância desta obra no panorama da literatura infantojuvenil portuguesa, bem como analisar o papel do humor enquanto elemento essencial da narrativa. Procura-se compreender de que forma este recurso contribui para a representação do poder, para a reconfiguração da tradição literária e para a construção de um discurso que desafia expectativas pré-estabelecidas.

Pertinência Literária de Alice Vieira no Contexto da Literatura Infantojuvenil de Expressão Portuguesa

A relevância de Alice Vieira no panorama da literatura infantojuvenil de expressão portuguesa assenta num percurso autoral consistente, marcado por uma produção vasta e por uma notável coerência estética e temática. A sua obra distingue-se não apenas pela extensão, mas sobretudo pela capacidade de articular complexidade temática com acessibilidade discursiva, recusando simplificações redutoras da experiência humana. Neste sentido, "os textos de literatura infantil são por si só capazes de potenciar uma relação de emoção, entre o texto e a criança leitora" (Balça, 2008, p. 2).

Mais do que a longevidade da sua carreira, é a qualidade intrínseca da sua escrita que a afirma como referência incontornável. Esta dimensão formativa não se traduz em moralização explícita, mas numa abertura à reflexão, sustentada por uma representação do real que integra conflitos afetivos, sociais e identitários.

A sua formação em Filologia Germânica, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, reflete-se numa consciência linguística rigorosa, visível na precisão sintática, na escolha vocabular e na organização narrativa. A experiência jornalística em órgãos como o *Diário Popular* e o *Diário de Notícias* contribuiu igualmente para o desenvolvimento de uma escrita clara e eficaz, capaz de conciliar profundidade expressiva com comunicabilidade.

Neste quadro, a sua obra configura-se como um espaço de mediação entre o universo infantil e o adulto, não por via da simplificação, mas através da introdução progressiva de questões complexas. As suas personagens, frequentemente situadas em momentos de transição entre a infância e a adolescência, apresentam uma

densidade psicológica significativa, marcada por hesitações, contradições e processos de construção identitária. Esta recusa de estereótipos favorece a identificação do leitor e promove uma leitura crítica do mundo.

O Humor como Mecanismo Estruturante da Narrativa e Forma de Crítica Implícita

Na obra de Alice Vieira, o humor assume um papel crucial, não se limitando a um elemento lúdico, mas constituindo um mecanismo de elevada complexidade, capaz de articular comicidade e reflexão crítica. Como refere Pires (1983, p. 91), a literatura infantojuvenil "deve ter como fim estimular a imaginação, desenvolver o sentido de humor, encorajar o gosto pela literatura em geral e alargar a compreensão de outras raças e países".

A sua presença manifesta-se de forma transversal, atravessando a caracterização das personagens, a construção dos diálogos e a organização das situações narrativas. Esta capacidade de conjugar o lúdico com a reflexão crítica integra-se na "modernidade dos seus textos" (Gomes, 1998, p. 14), evidenciando uma escrita que ultrapassa os limites tradicionais da literatura infantojuvenil.

Um dos mecanismos fundamentais do humor reside na caricatura, através da acentuação de traços físicos, comportamentais ou simbólicos que evidenciam o desvio face à norma. Como refere Bergson (1993, p. 16), "[…] a comicidade da caricatura […] jamais o equilíbrio dela será absolutamente perfeito". Este procedimento permite construir figuras simultaneamente cómicas e reveladoras das fragilidades humanas e institucionais.

Na obra de Alice Vieira, a construção do humor não se limita à caricatura, estendendo-se igualmente ao domínio da sátira enquanto instrumento de crítica sistematizada. Com efeito, para além da deformação cómica das personagens e das situações, a narrativa mobiliza uma dimensão satírica que incide diretamente sobre as instituições e as formas de exercício do poder, expondo as suas fragilidades e incoerências. Esta extensão implica uma intencionalidade crítica que ultrapassa o simples efeito de comicidade, orientando o riso para uma função interpretativa e reflexiva. Como se afirma, "[…] a sátira é essencialmente um ataque a alguém ou alguma instituição social. Pode ridicularizar, parodiar ou caricaturar a seu alvo, mas o propósito da sátira com a sua abordagem negativa é a mudança positiva." (Pardal, 2015, p. 15). Assim, a presença da sátira na narrativa não só intensifica o alcance crítico do humor, como também contribui para a construção de uma leitura que, ao reconhecer o desvio e a incongruência, é levada a questionar os modelos de organização social e as formas de legitimação da autoridade.

O humor desenvolve-se também ao nível das relações interpessoais e das situações quotidianas, funcionando como uma forma subtil de comentário social. Em obras como *Rosa, Minha Irmã Rosa*, emerge através de uma voz narrativa que alterna entre ironia e afetividade (Vieira, 1979, p. 88), evidenciando a tensão entre o universo infantil e a lógica adulta.

Desta forma, o humor não se reduz a um recurso estilístico, mas constitui uma ferramenta de interpretação do real, promovendo uma pedagogia implícita baseada na reflexão e no questionamento. Como refere Sousa (1991, p. 1), "o humor é, na sua essência, um jogo de inteligência", dependente da participação ativa do leitor.

Crítica Institucional e Representação do Poder em *Graças e Desgraças da Corte de El-Rei Tadinho*

A representação do poder em *Graças e Desgraças da Corte de El-Rei Tadinho* afirma-se como um dos eixos modeladores da obra, organizando-se em torno de uma problematização contínua das instituições e da sua real capacidade de intervenção. A corte, enquanto espaço simbólico de autoridade, surge marcada por uma profunda disfunção, configurando-se não como um centro efetivo de governação, mas como um palco onde se encenam práticas administrativas destituídas de eficácia. O universo régio apresentado está longe da majestade tradicional dos contos de fadas, sendo antes um espaço corroído pelo imobilismo, pela ineficácia das instituições e pela teatralidade de uma autoridade fictícia, o que evidencia desde logo a dimensão crítica da narrativa.

A figura de El-Rei Tadinho corporiza essa desestabilização do modelo tradicional de soberania. Distante do arquétipo do rei justo e esclarecido, apresenta-se como um governante incapaz de agir de forma consequente, dominado pela indecisão e pela passividade. A própria formação do monarca é alvo de sátira, sendo referido que

"sua alteza o príncipe Tadinho não mostrava qualquer inclinação para as letras", acrescentando-se que "para o ofício de rei a leitura não faria grande falta", reduzindo o exercício do poder a uma mera capacidade física de "carregar com a coroa" (Vieira, 2001, p.5). Esta redução simbólica do poder a um fardo material reforça a crítica à ausência de preparação intelectual e ética das figuras governativas.

O diminutivo "Tadinho" desempenha, neste contexto, uma função semântica decisiva, introduzindo simultaneamente um tom de fragilidade e de ironia que percorre toda a obra. Através do recurso humorístico, faz-se uso de um mecanismo de questionamento que sublinha a inadequação do soberano às exigências do cargo. Esta ambivalência entre ternura e escárnio contribui para uma representação complexa do poder, que oscila entre a necessidade simbólica da autoridade e a sua evidente ineficácia prática.

A crítica institucional estende-se igualmente aos sistemas administrativos da corte. Os ministros e conselheiros são retratados como figuras desprovidas de competência, incapazes de compreender ou sequer acompanhar o discurso político. A célebre cena em que os ministros perguntam repetidamente "Que foi que ele disse?" enquanto continuam a aplaudir mecanicamente constitui um exemplo paradigmático da vacuidade do funcionamento burocrático e governativo:

> "Que foi que ele disse? - bichanou o ministro da Couve-Flor para o ministro do Rabanete.
> — Não faço ideia, também estava a passar pelas brasas…
> Que foi que ele disse? - perguntou o ministro do Milho ao ministro do Trigo.
> — Devia estar a contar anedotas, com certeza… — Apoiado! Apoiado!
> Que foi que ele disse? - perguntou o ministro do Leite-em-Pó ao ministro das Sopas-em-Pacote.
> — Sei lá! Devem ser coisas de política, e o colega já sabe que eu em política não me meto!" (Vieira, 2001, p.19).

Este excerto evidencia de forma clara a incapacidade de compreensão e a mecanização do comportamento político, reforçando a ideia de um sistema hierárquico desligado da realidade.

A linguagem do poder assume, assim, um papel central na construção desta crítica. Marcada por uma formalização excessiva e pela repetição de fórmulas estereotipadas, revela-se incapaz de produzir efeitos concretos no plano da ação. Esta dissociação entre discurso e realidade constitui um dos principais mecanismos de construção da ironia narrativa.

O próprio espaço da corte reforça esta leitura crítica. Longe de se configurar como um centro organizado de decisão, o palácio surge como um espaço caótico, caracterizado pela descoordenação e pela ausência de hierarquia funcional. Situações como deslocações absurdas e mal compreendidas reforçam esta dimensão de desencontro entre instituições e realidade, como no caso em que "Riquezas recebia ordem de se apresentar no Palácio Real do Reino das Cem Janelas. E enquanto ela se punha a caminho, com o atlas na mão para não se enganar no reino, a avó dizia às vizinhas mais curiosas que a neta tinha ido passar férias ao estrangeiro" (Vieira, 2001, p.33). Este episódio reforça a ideia de um mundo administrativo desconexo, onde até os percursos e as ações oficiais se tornam ambíguos e mal interpretados.

A presença do dragão introduz um elemento adicional de subversão. Tradicionalmente associado ao mal e ao conflito, surge aqui integrado numa lógica quase burocrática, cumprindo a sua parte de um acordo estabelecido com o rei. O seu comportamento é mais razoável do que temível, e o conflito nasce mais da incompetência do poder instituído do que da sua própria ameaça. Esta inversão de papéis desloca o foco da crítica para o interior das instituições.

Outro aspeto particularmente relevante prende-se com a ausência de decisões políticas efetivas. A inércia do monarca e dos seus conselheiros conduz a uma situação paradoxal em que a ausência de governação produz efeitos positivos: "Dizem as más-línguas que nunca se viveu tão bem no Reino das Cem Janelas como nesses dois anos em que o rei e o conselheiro não fizeram outra coisa senão ler cartas: não houve aumento de impostos, não houve discursos, ninguém assinou decretos tolos, e ninguém fez mal a ninguém…" (Vieira, 2001, p.21).

Esta passagem sublinha de forma incisiva a ideia de que a intervenção do poder pode, por vezes, ser mais prejudicial do que a sua ausência. A narrativa constrói, assim uma tensão constante entre a necessidade simbólica da autoridade e a sua ineficácia prática. O poder surge simultaneamente como elemento basilar da ordem social e como sistema incapaz de responder às suas próprias funções.

Importa ainda destacar que esta crítica não se apresenta de forma explícita ou ideologicamente marcada, mas antes através de mecanismos narrativos que recorrem à ironia, ao humor e ao absurdo. A figura dos ministros, em particular, assume um papel central nesta construção, funcionando como caricaturas de um sistema burocrático onde a forma se sobrepõe ao conteúdo e onde a ação é substituída por procedimentos formais desprovidos de eficácia.

Linguagem, Tradição Narrativa e Construção Estética do Humor na Obra

Do ponto de vista estilístico, a obra caracteriza-se por uma linguagem que conjuga simplicidade aparente com sofisticação construtiva. A proximidade à oralidade, visível na utilização de frases curtas e no recurso frequente ao discurso direto, confere fluidez e dinamismo à narrativa, aproximando-a da tradição do conto popular.

Esta oralidade não implica simplificação, mas antes uma estratégia de aproximação ao leitor, permitindo a coexistência de diferentes níveis de leitura. A obra estabelece um diálogo com a tradição do conto de fadas, recuperando elementos como reis, dragões e princesas para os submeter a um processo de reconfiguração crítica.

O contraste entre o registo formal da linguagem institucional e a banalidade das situações narradas gera um efeito de incongruência que sustenta o humor. Esta tensão entre forma e conteúdo permite evidenciar a vacuidade dos alicerces de poder. O humor resulta, assim, de uma articulação complexa entre linguagem, modelo e tradição, emergindo como efeito da própria organização discursiva. Não se trata de uma comicidade superficial, mas de um mecanismo que exige interpretação e participação ativa do leitor.

Deste modo, a linguagem afirma-se como elemento central na produção de significado, contribuindo para a relevância da obra no panorama da literatura infantojuvenil portuguesa contemporânea. Como sublinha Paolinelli (2022, p. 97), a literatura pode funcionar como "uma espécie de simulador de voo", permitindo ao leitor relacionar ficção e realidade e desenvolver uma compreensão mais crítica e informada do mundo.

Considerações Finais

À luz da análise realizada, torna-se claro que a obra de Alice Vieira, no contexto da literatura infantojuvenil de expressão portuguesa, ultrapassa a sua aparente delimitação etária, afirmando-se como um espaço literário de reconhecida exigência estética e densidade crítica. Mais do que responder a expectativas pré-definidas, a autora reconfigura os próprios pressupostos deste domínio, demonstrando que a literatura destinada aos leitores mais jovens pode constituir um campo de problematização do real e de construção ativa de sentido.

Neste quadro, revela-se particularmente relevante a desconstrução de certos preconceitos associados ao humor na literatura infantojuvenil, frequentemente entendido como um elemento de superficialidade ou mera estratégia de captação de atenção. Na sua escrita, o humor assume-se, pelo contrário, como um dispositivo organizador, capaz de operar simultaneamente ao nível do prazer estético e da reflexão crítica. Ao invés de se esgotar no efeito imediato do riso, introduz um distanciamento que permite ao leitor reconhecer incongruências, questionar normas e reavaliar representações estabelecidas.

É precisamente nesta articulação entre leveza aparente e complexidade subjacente que reside uma das maiores singularidades da sua obra. O humor não dilui o sentido, antes o intensifica, funcionando como um mecanismo de mediação entre o universo ficcional e a realidade social, promovendo uma leitura interpretativa e exigente.

Por outro lado, a recusa de uma orientação explicitamente moralizante traduz-se numa estratégia narrativa que privilegia a sugestão em detrimento da imposição. A autora não apresenta respostas fechadas, mas constrói

cenários que convocam o questionamento, reforçando a autonomia crítica do leitor e afastando a literatura infantojuvenil de modelos didáticos tradicionais.

A representação das instituições de poder, marcada pela ironia e pela inversão de expectativas, reforça esta dimensão crítica, evidenciando a fragilidade de sistemas sustentados mais na aparência do que na eficácia. Contudo, essa crítica não se apresenta como discurso explícito, emergindo antes da própria organização narrativa, o que lhe confere maior subtileza e alcance interpretativo. No plano formal, destaca-se a capacidade de conciliar clareza discursiva com sofisticação orgânico, permitindo que o texto funcione em diferentes níveis de leitura. Esta característica assegura a sua acessibilidade sem comprometer a profundidade, contribuindo para a sua permanência e relevância no panorama literário contemporâneo.

Por conseguinte, a obra de Alice Vieira afirma-se como um contributo decisivo para a valorização da literatura infantojuvenil, demonstrando que este domínio não constitui uma forma menor de expressão, mas um espaço legítimo de criação estética e de reflexão crítica.

Por fim, a superação da dicotomia entre literatura "para crianças" e literatura "para adultos" constitui uma das implicações mais significativas desta leitura. A escrita de Alice Vieira evidencia a insuficiência dessa distinção, ao convocar simultaneamente o prazer da leitura e a exigência do pensamento, afirmando a literatura infantojuvenil como um espaço pleno de criação e interpretação.

Bibliografia

Balça, Â. (2008). *Literatura infantil portuguesa: De temas emergentes a temas consolidados*.

Bergson, H. (1993). *O riso: Ensaio sobre o significado do cómico*. Guimarães Editores.

Gomes, J. A. (1997). *Para uma história da literatura portuguesa para a infância e a juventude*. Instituto Português do Livro e das Bibliotecas.

Gomes, J. A. (1998). *Introdução à obra de Alice Vieira*. Caminho.

Gomes, J. A. (2000). Em busca da identidade perdida: A obra de Alice Vieira e o caso de *Os olhos de Ana Marta*. In *No branco do Sul: As cores dos livros (Atas do Encontro sobre Literatura para Crianças e Jovens)* (pp. 27–44). Caminho.

Paolinelli, L. A. (2022). Literatura, educação e empatia. *Pampaedia – Bollettino As. Pe. I*, (192), 88–99.

Pardal, F. M. (2015). *A sátira política na televisão: O caso do "Governo Sombra"*. Instituto Politécnico de Lisboa.

Pires, M. L. B. (1981). *História da literatura infantil portuguesa*. Vega.

Sousa, O. de. (1991). *A caricatura política em Portugal*. Edição Salão Nacional de Caricatura.

Vieira, A. (1979). *Rosa, minha irmã Rosa*. Caminho.

Vieira, A. (2001). *Graças e desgraças da corte de El-Rei Tadinho*. Caminho.

Declaração Ética

Conflito de Interesse: Nada a declarar. **Financiamento:** Nada a Declarar. **Revisão por Pares:** Dupla-cega.

Todo o conteúdo da ***NAUS — Revista Lusófona de Estudos Culturais e Comunicacionais*** é licenciado sob Creative Commons, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.